

CLIPPING IMPRESSO

20/11/2021



INDICE

1. ASSESSORIA	
1.1. JORNAL PEQUENO.....	1

Justiça & Cidadania

Antonio Carlos Lua acarloslua@folha.com.br



Construção da identidade afro-brasileira

Vinte de novembro marca o Dia da Consciência Negra. Além de ser um importante elemento de construção da identidade dos afro-brasileiros, a data é um momento para rememorar as conquistas, reconhecer os desafios a serem superados na luta por uma sociedade mais justa.

Foi no dia 20 de novembro de 1695 que ocorreu a morte em combate de Zumbi dos Palmares, herói negro genuinamente brasileiro que teve sua trajetória negligenciada durante muito tempo pela historiografia oficial. Ele foi o líder do Quilombo dos Palmares, comunidade formada na Serra da Barriga, em Alagoas, representando um dos mais significativos movimentos de resistência e luta pela liberdade. Na trajetória de luta de Zumbi está Dandara dos Palmares, sua companheira de vida e de combate na defesa do quilombo. Dandara se tornou ícone da força feminina na resistência contra a escravidão, mostrando a importância do papel das mulheres na história. Mulher guerreira, obstinada por liberdade, Dandara teve três filhos com Zumbi e cometeu suicídio, em 1694, para não voltar novamente à condição de escrava.

Até hoje não se sabe verdadeira origem de Dandara. Não há registro histórico que confirme se ela nasceu em terras brasileiras ou na África. Presume-se que sua ascendência tenha ligação com a nação africana de Jeje Mahin, culto dos Voduns da região Mahi a noroeste de Abomei. Dentre os daomeanos escravizados, uma mulher chamada Ludovina Pessoa, natural da cidade de Mahi foi escolhida pelos Voduns para fundar três templos na Bahia.

No dia em que Zumbi teve a cabeça decepada num golpe à resistência negra, um ano e nove meses já teriam transcorrido desde a morte igualmente trágica de Dandara, face feminina do Quilombo dos Palmares, que se tornou um importante símbolo de resistência à escravidão. Além de Dandara, existiram outras mulheres guerreiras no tempo da escravidão, a exemplo de Maria Felipa – heroína da independência da Bahia – e Luísa Mahin, líder dos Malês e participante da Sabinada. Porém, o olhar racista dos livros didáticos ignoram e não reconhecem o papel dessas mulheres, cujas trajetórias são diretamente associadas à resistência protagonizada pelo povo negro durante mais de 400 anos de escravidão.

Literatura

A Unesco fez um trabalho para despertar o interesse pela literatura africana e, conseqüentemente, para a leitura dos escritores negros como Machado de Assis, Lima Barreto, Nei Lopes, Muniz Sodré, Paulo Lins, Ana Maria Gonçalves, Abdias do Nascimento, Silviano Santiago e o líder abolicionista Luiz Gama, primeiro escritor brasileiro a se assumir afrodescendente. A presença do negro na literatura brasileira – escondida em séculos de colonização e eurocentrismo – tentou embranquecer Machado de Assis.

Propaganda

Carregando nas tintas, uma agência de publicidade usou um ator branco para interpretar Machado de Assis numa propaganda Caixa Econômica, onde o escritor aparece embranquecido. Internautas revoltados com o que consideraram racismo protestaram e conseguiram fazer com que o banco retirasse o anúncio do ar.

Multiétnico

O Brasil – denominado um país multiétnico – esqueceu deliberadamente dos pioneiros autores negros e pinta até hoje um retrato ambíguo de figuras como a de Machado de Assis, que já foi acusado injustamente de agir com neutralidade na questão abolicionista.

Abstencionismo

Os textos de Machado de Assis publicados nos vários jornais onde trabalhou como jornalista, contradizem o abstencionismo do romancista de “Memórias Póstumas de Brás Cubas”. O escritor usou 23 pseudônimos nos jornais para atirar petardos nas correntes políticas retrógradas e antiabolicionistas.

Genocídio

O embranquecimento de Machado de Assis fazia parte do projeto de genocídio do negro brasileiro que viria a ser denunciado pelo escritor Abdias do Nascimento, morto em maio de 2011, nadando contra a corrente do rio da mestiçagem de Gilberto Freyre, que camuflou a memória do passado africano.

Discriminação

Nenhum país passa pela escravidão impunemente. Autores como Lima Barreto e Machado de Assis pagaram caro por isso. Lima Barreto, por exemplo, sofreu discriminação racial e era considerado um autor de subúrbio. Foi acusado de tudo, inclusive de desleixo verbal.

Hipocrisia

Negro num Brasil eugênico, Lima Barreto testemunhou, aos 7 anos, a abolição da escravatura, mas morreu, aos 41 anos – meses depois da Semana de Arte Moderna. Muito se fala do seu livro “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, mas, seis anos antes, em “Recordações do Escrivão Isaías Caminha”, ele já denunciava a hipocrisia da sociedade brasileira, que relegou os negros ao campo dos subalternos, no longo ciclo de segregação e opressão aos afrodescendentes.

Preconceito

Por causa do preconceito racial, Machado de Assis teve acesso limitado ao ensino e se tornou autodidata. Pobre, negro e epilético, enfrentou enormes dificuldades em condições completamente adversas para que se tornasse, ainda em vida, um dos mais célebres escritores brasileiros de todos os tempos.